



O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL comunicado

O Comité Central do Partido Comunista Português, reunido em Setembro de 1968, analisou e debateu a situação política, as lutas populares e particularmente as lutas reivindicativas da classe operária em 1968, problemas de organização, de defesa e de quadros, a situação no movimento comunista internacional e os acontecimentos na Checoslováquia.

No prosseguimento da análise feita na sua «Proclamação» de 22 de Setembro, o Comité Central definiu o significado da formação do novo governo fascista presidido por Marcelo Gaetano e as tarefas imediatas na nova situação, num documento intitulado «O Partido Comunista Português e o momento político actual».

Aprovou também «Conclusões sobre as prisões de 1967» e «Conclusões sobre as lutas operárias de 1968», a serem publicadas no «Militante» e uma «Declaração sobre a situação na Checoslováquia», a ser publicada em separado.

Considerando a necessidade de reforçar o trabalho político de Direcção, o Comité Central resolveu constituir a Comissão Política do Comité Central.

Tendo prestado homenagem no início dos seus trabalhos à memória do camarada Manuel Rodrigues da Silva, o Comité Central, elegeu para a vaga deixada pela sua morte no Secretariado do Comité Central, o camarada José Vitoriano.

CONCLUSÕES DO COMITÉ CENTRAL À CERCA DAS PRISÕES DE 1967

Em Julho de 1967, tratando das prisões sofridas no Sul e em Lisboa nos meses de Maio e Junho, o Comité Central anunciou que «logo que estejam esclarecidas estas prisões e as suas causas serão comunicados ao Partido os resultados apurados e os respectivos ensinamentos».

Desde então foi conduzido um aturado inquê-

rito, ouvidos numerosos camaradas, discutidas versões de factos e explicações dos mesmos.

Apesar de não ter podido apurar as causas directas e imediatas de algumas prisões, o CC está hoje em condições de tirar os ensinamentos essenciais desses golpes sofridos pelo Partido,

1

Gom as prisões efectuadas no Sul nos meses de Maio e Junho de 1967, caíram nas mãos do inimigo: o camarada Dinis Miranda, membro suplente do CC do PCP que, cruelmente torturado, teve uma heróica conduta perante a polícia e ante o tribunal; uma tipografia regional;

vários quadros ilegais e semi-legais; dezenas de militantes e simpatizantes do Algarve, ALENTEJO e Margem Sul do Tejo. As casas dos funcionários do Partido presos foram assaltadas pela PIDE. Estas baixas constituíram um rude golpe para a organização partidária do sector.

2

As prisões do Sul evidenciaram uma deterioração geral da situação conspirativa em todo o

sector, cujas causas fundamentais residem nas tendências negativas que nos últimos anos se



têm verificado no trabalho partidário e que o CC, em Agosto de 1966 e em Julho de 1967, apontou e caracterizou.

A concepção da defesa do Partido e o desenvolvimento orgânico num trabalho « voltado para dentro » em vez de ligado à acção política e à actividade de massas e métodos de trabalho de organização que afastam o corpo de funcionários da restante organização partidária, conduziram à absorção dos organismos e dos quadros mais responsáveis na resolução de problemas internos, à multiplicação de encontros para resolver questões técnicas do próprio aparelho, a uma movimentação intensa, ao recurso a indivíduos que se conheciam mal e podiam ser veículos de infiltração da polícia ao relativo isolamento do aparelho clandestino, em relação às organizações de base do Partido, à classe operária e às massas.

Uma concepção centralizadora e burocrática, tendente à direcção de todo o trabalho e à resolução de todas as questões pelos funcionários, à falta de confiança nos quadros legais e a entrar a descentralização — conduziu à acumulação de tarefas pelos funcionários, à sua realização precipitada e de afogadilho, à movimentação perigosa, ao excesso de ligações e de controle individual, ao conhecimento da organização e dos militantes de regiões inteiras por alguns quadros procurados pelo inimigo e vivendo em condições de profunda clandestinidade.

Uma prática de recrutamento e selecção de quadros, voltadas mais imediatamente para elementos dispostos a certas tarefas clandestinas de agitação e ligação do que para os trabalhadores provados na luta de classes, acompanhada por deficiências graves na observância da evolução dos quadros e pelo afrouxamento da crítica e da auto-crítica, — conduziu à colocação em cargos de responsabilidade de elementos sem as condições indispensáveis para o seu desempenho e facilitou mesmo o agravamento das suas tendências negativas.

A rotina na abordagem das situações e dos

acontecimentos e na acção diária, — conduziu a um certo espírito de « deixar correr », a directrizes esquemáticas sem correspondência com a situação real, à falta de resposta pronta e eficiente aos novos problemas que iam surgindo no sector, designadamente aos problemas de defesa.

Uma orientação voltada para o sucesso imediato, menosprezando uma mais larga perspectiva e a criação cautelosa de condições para a realização de tarefas, a resistência a recuar quando o recuo se impõe, — conduziram a soluções apressadas no aparelho tipográfico e, de distribuição, cuja ligação com camaradas executando inúmeras tarefas, com intensa movimentação e demasiado expostos, não assegurava a defesa de instalações particularmente delicadas.

Por todas estas razões, o aparelho clandestino do sector (funcionários, tipografia, instalações) não tinha uma base sólida em que apoiar-se, tornou-se facilmente detectável, expôs-se cada vez mais à investigação da rede de informadores e do aparelho repressivo, abriu numerosas brechas à ofensiva policial e, uma vez atingido num ponto, pode ser atingido em quase toda a sua extensão.

A primeira grande lição a tirar das prisões de 1967 no Sul é a necessidade dum esforço decidido para:

- eliminar em todo o Partido as concepções e os métodos de trabalho que predominavam naquele sector e estão ainda largamente espalhados no Partido;
- criar um novo estilo de trabalho;
- vencer as concepções burocráticas e rotineiras no trabalho de defesa, de organização e de quadros;
- descentralizar a organização e aumentar a iniciativa e responsabilidade dos organismos constituídos por camaradas legais;
- estudar em cada caso o número de ligações dos funcionários do Partido;
- compreender o problema da defesa do Partido ligada à acção política e ao trabalho de massas.

3

Entre as causas imediatas das prisões efectuadas no Sul em 1967 encontram-se graves deficiências nos métodos de defesa e de trabalho conspirativo.

O tipo de trabalho dos quadros clandestinos não tinha em conta as condições específicas do sector, o dispositivo das forças repressivas e as direcções da sua actividade. As formas dos encontros e das deslocações, a utilização de pequenas zonas para repetidos e demorados encontros dos camaradas mais diversos e a sua simultânea frequência por diversos quadros ilegais, a realização de encontros junto de instalações clandestinas, o imprudente uso de meios

de transporte e de vias de comunicação, a acumulação de instalações em áreas acanhadas, O excesso de entradas e saídas nas mesmas, os contactos em sítios inconvenientes com camaradas legais e com camaradas « queimados », assim como a utilização destes para delicadas tarefas técnicas auxiliares, — abriram as linhas de defesa e expuseram todo o aparelho clandestino do sector à localização e investigação do aparelho repressivo.

Na actividade dos quadros clandestinos do sector mostrou-se não se ter em devida conta a rica experiência do Partido. A par da falta de espírito imaginativo e criador capaz de encon-

trar as soluções de defesa apropriadas às condições do sector, verificou-se também o menosprezo e desrespeito por normas de defesa cuja observância há muito a experiência mostrou essencial. A falta de rigor no trabalho conspirativo e o afrouxamento da disciplina caracterizavam também a actividade no sector Sul nos tempos que antecederam o golpe de Maio de 1967.

A situação foi extremamente agravada pelo afrouxamento da vigilância e pelo liberalismo. Durante quase um ano, verificaram-se numerosos factos suspeitos em torno dos funcionários, indícios da sua localização e da aproximação da investigação policial, assim como diversas tentativas de infiltração de provocadores e incidentes que poderiam ter o mesmo significado. A tendência predominante foi para a explicação simplista dos factos suspeitos, a passividade ante eles, a continuação da actividade nos mesmos moldes, a falta de medidas e de prontidão resolutiva ante a evolução dos perigos que há muito se vinham pressentindo e discutindo. A mesma falta de vigilância, passividade, falta de prontidão nas medidas de defesa continuaram já depois das primeiras prisões no sector. Apesar das prisões, manteve-se ligação com elementos que poderiam estar referenciados, e realizaram-se encontros e deslocações em áreas e por vias já localizadas.

A traição de Fernando Rodrigues de Sousa, preso em 16 de Maio, e o mau comportamento ante a PIDE de outros elementos presos, que provocaram numerosas prisões, só por si não explicam a extensão e a profundidade do golpe sofrido. O camarada Dinis Miranda foi preso a 23 de Maio quando se dirigia a um encontro com F.R. de Sousa. Mas é indubitável que antes de ir a esse encontro, já a polícia rondava a sua casa e a tipografia e assinalou a sua deslocação numa extensão de 40 quilómetros. Pode concluir-se que assaltando só uma semana depois a casa de Dinis Miranda e a tipografia a PIDE

procurava apanhar as camaradas mais responsáveis que tentassem salvar as instalações e pretendia desacreditar o camarada preso insinuando que fora ele que as denunciara. Além das prisões resultantes das denúncias de traidores e das pistas que estes deram à polícia, verificou-se toda uma deterioração do trabalho conspirativo que permitiu ao inimigo um trabalho de investigação a longo prazo de forma a assestar um golpe simultâneo nos pontos decisivos do aparelho do sector.

O facto de, em relação à localização de vários camaradas e das suas instalações, se não poder determinar com precisão a causa directa e imediata, antes de se admitirem diversas hipóteses (todas igualmente plausíveis), mostra a fragilidade das linhas de defesa que existiam no sector e a multiplicidade dos elos fracos do trabalho conspirativo.

A segunda grande lição a tirar das prisões do Sul em 1967 é a necessidade dum esforço decidido para:

- melhorar radicalmente os métodos de defesa e de trabalho conspirativo na actividade diária das organizações e de cada militante;
- conhecer melhor a experiência do Partido e respeitar as normas de trabalho de que essa experiência mostrou a validade;
- lutar ao esquematismo e encontrar métodos de trabalho melhor adaptados às condições concretas de cada sector;
- observar um maior rigor no trabalho conspirativo, reforçar a vigilância e o controle, lutar com decisão contra o liberalismo, a indisciplina e o espírito de «deixar correr»;
- estar sempre atento à acção do inimigo de forma a detectar a aproximação do perigo e tomar resolutamente medidas rápidas e eficazes para nos anteciparmos à sua ofensiva, evitar que esta se consuma ou reduzir os seus estragos.

4

As prisões no Sul de 1967 revelaram graves deficiências no trabalho dos camaradas desse sector, incluindo camaradas presos. A situação era também conhecida dos controladores e dos organismos mais responsáveis e numerosas informações dadas pelos camaradas do sector mostravam há muito uma grave situação conspirativa e o avolumar de perigos à sua volta. É de sublinhar que os quadros se debatem muitas vezes na contradição existente entre algumas medidas de defesa que lhes são indicadas e tarefas de carácter prático que lhes são atribuídas.

A noção de responsabilidades é essencial para o melhoramento do trabalho, a correcção de deficiências e erros, o reforço da efi-

ciência dos organismos de direcção, o justo juízo acerca dos quadros e a escolha das suas tarefas. As responsabilidades pelas prisões no Sul em 1967 não se podem considerar apenas (nem fundamentalmente) limitadas a tais ou tais faltas dos camaradas do sector. Elas têm de inserir-se no quadro mais complexo da actividade do Partido e do trabalho de direcção.

A terceira grande lição a tirar das prisões no Sul em 1967 é a necessidade de melhorar o trabalho de direcção à escala de todo o Partido, de aumentar o sentido de responsabilidade dos dirigentes nos diversos escalões, de responsabilizar pelas faltas apenas aqueles que as cometem mas aqueles que as propiciam pelas directrizes que dão.



5

Já em Abril de 1965, tinham sido atingidas no Sul duas instalações clandestinas e presos vários camaradas, à frente dos quais Domingos Abrantes, que teve um comportamento heróico ante o inimigo.

Ao analisarem-se as circunstâncias em que tiveram lugar as prisões no Sul em Maio de 1967, não pode deixar de sublinhar-se que a falta de análise cuidadosa das prisões verificadas no mesmo sector em 1965, impediu que se tivessem tirado os necessários ensinamentos para a defesa do Partido. Tão pouco foram determinadas e definidas com clareza as responsabilidades, manifestando-se incorrectas

tendências para atirá-las quase exclusivamente para os camaradas vítimas da repressão. No fundamental, as deficiências que estiveram na base das prisões de 1965, repetiram-se em 1967. Não tendo sido claramente expostas e combatidas não deram lugar a rectificações de fundo na orientação e métodos de trabalho.

A quarta grande lição a tirar das prisões no Sul em 1967 é que as experiências das vitórias como das derrotas não constitui material de arquivo, mas ensinamento vivo para o melhoramento da actividade partidária.

6

As prisões sofridas em Lisboa no ano de 1967, embora apresentem características específicas, assemelham-se às do Sul nas suas causas essenciais.

Encontros repetidos e próximos com camaradas diversos, a falta de vigilância nos encontros e desleceções, a subestimação de « coisas suspeitas » que sempre se pretenderam explicar de forma simplista, finalmente a traição de Graciete Casanova, estiveram na base dessas prisões. Tudo indica que antes de desferir o golpe, a PIDE realizou um paciente trabalho de investigação ao longo de muitos meses.

Tal como nas prisões do Sul, uma maior vigilância, detecção dos perigos e prontidão em

medidas de defesa teriam evitado a série de prisões ou pelo menos reduzido a sua extensão.

Tal como nas prisões do Sul, o estudo com sentido crítico e auto-crítico das prisões que se tinham verificado em Lisboa em Dezembro de 1965 (em que foram presos diversos camaradas e à sua frente Rogério de Carvalho e Veiga de Oliveira que tiveram heróico comportamento) e o esforço sério e decidido para extrair delas ensinamentos, teria impedido que se repetissem as mesmas deficiências em 1967.

As lições das prisões de Lisboa em 1967, tal como as das prisões do Sul, respeitam à actividade geral do Partido, aos métodos de defesa, ao trabalho directivo. São fundamentalmente as mesmas.

7

Neste conjunto de prisões analisados, verificaram-se traições e maus comportamentos.

Entretanto, os altos exemplos dos camaradas Domingos Abrantes, Rogério de Carvalho, Veiga de Oliveira, Dinis Miranda, assim como de outros camaradas presos nos últimos anos

como Ilídio Esteves, mostraram, uma vez mais, que a polícia não tem meios para fazer falar os comunistas, que a firmeza é a única atitude justa, a única que pode contribuir para fazer recuar a polícia na prática das torturas, a única que defende o Partido e serve os interesses da classe operária e do povo.

8

Nestas condições da ditadura fascista, a luta não poderá travar-se sem baixas. Ao fazer-se a análise dos golpes sofridos, encontram-se deficiências e erros na actividade de organizações e de quadros. Rectificando as deficiências, corrigindo os erros, podem limitar-se os êxitos do inimigo.

As baixas não se podem nem devem considerar com um espírito pessimista. Nas condi-

ções de clandestinidade a tarefa é desenvolver a actividade assegurando ao máximo a defesa do Partido.

Tirando a experiência dos factos, ligando-se estreitamente à classe operária e às massas o Partido tem todas as condições para fazê-lo. O êxito depende apenas do seu próprio trabalho e do trabalho de cada um dos seus organismos e militantes.

CONCLUSÕES SOBRE AS LUTAS OPERÁRIAS DE 1968

1. O Comité Central do PCP analisou atentamente as lutas reivindicativas da classe operária e das massas trabalhadoras, que se desenvolveram na primeira metade de 1968. Essas lutas vieram confirmar a justeza das conclusões do CC que, na sua reunião de Julho de 1967, assinalava a existência de condições objectivas favoráveis ao desenvolvimento da luta popular de massas.

Os trabalhadores traduziram o seu profundo descontentamento em importantes acções reivindicativas, algumas de carácter mais ou menos espontâneo. Tais acções assumiram formas diversas. Lutando nas empresas e nos sindicatos, os trabalhadores recorreram às reclamações, à cerra, à recusa das horas extraordinárias, às concentrações, paralisações, manifestações de rua e greves.

As concentrações, manifestações e greve dos trabalhadores da Carris de Lisboa, as greves dos pescadores de Matosinhos e de outros portos da Costa Norte e das conserveiras do Algarve e de Setúbal, as lutas dos portuários de Lisboa e Leixões, dos metalúrgicos, corticeiros e vidreiros, dos bancários de Lisboa, Porto e Coimbra, dos empregados de seguros e outras, mobilizaram dezenas de milhares de operários e empregados, por aumento de salários, revisão de contratos colectivos, contra a intensificação dos ritmos de trabalho, pela eleição de direcções sindicais honestas, pelo pagamento das horas extraordinárias, por subsídios de férias, contra os roubos e prepotências do patronato, pelo pagamento do 7.º dia, pelo alargamento e pagamento regular do abono de família, pela melhoria da previdência social e outras reivindicações.

A extensão, a multiplicidade e o poder de irradiação das lutas destas lutas, o seu nível político e de organização, o recurso audacioso a novas formas de acção constituíram magnífico testemunho de combatividade, papel de vanguarda e espírito criador do proletariado português.

2. Uma das características que mais contribuiu para o desenvolvimento destas lutas foi a utilização pelos trabalhadores de ampla consulta mútua para a formulação das suas reivindicações e para a determinação das formas de direcção e actuação.

Os objectivos e as sucessivas fases de luta, em particular na Carris de Lisboa e pescadores de Matosinhos, aparecem regra geral ligados a um amplo trabalho de massas, a frequentes consultas dos trabalhadores entre si, a largos debates, a concentrações e reuniões realizadas nas empresas e nos sindicatos, com

a participação de milhares de trabalhadores.

Desenvolvendo-se desde o início como autênticos movimentos de massas, tais processos, como tem salientado o CC, multiplicam o entusiasmo, o dinamismo e a confiança das massas, são a melhor garantia da unidade de vontade e de acção dos trabalhadores, cimentam a solidariedade e a fraternidade de classe e dificultam a acção repressiva do patronato e da polícia contra os trabalhadores em luta.

3. Nas importantes lutas travadas, os trabalhadores utilizaram formas de organização cuja eficácia a experiência de muitos anos demonstrou. Em alguns casos criaram e desenvolveram, com espírito inovador, formas flexíveis de organização, que, amoldando-se às acções em curso, lhes permitiriam melhorar a direcção das lutas e a defesa contra a repressão.

Comissões de empresa legais, por vezes reconhecidas pelo patronato; comissões semi-legais e ilegais; estruturas primárias e elementares, estruturas complexas e ramificadas abrangendo uma classe inteira no plano local, evoluindo em alguns casos para uma rede de contactos regional ou nacional; formas de enlace entre estruturas de tipo diferente; comissões sindicais voltadas não só para o sindicato como também para a revisão dos contratos colectivos de trabalho; novos métodos de ligação, comunicação e defesa, — tais são as formas de organização da classe operária que as lutas recentes puseram em evidência.

No entanto, em certos casos, subsistem graves deficiências de organização. Há comissões manobradas pelo patronato. Há outras envelhecidas e divorciadas dos interesses dos trabalhadores. Outras ainda constituídas por pequenos grupos sem representatividade, que não conseguem criar raízes nas massas. Verificam-se ainda resistências que dificultam o enlace e a cooperação de comissões de empresa de uma mesma classe ao nível local, regional e nacional.

As últimas lutas e acções dos trabalhadores confirmaram, uma vez mais, que o êxito ou insucesso depende decisivamente da ligação efectiva da organização às massas. Lá onde os trabalhadores não conseguiram ainda unirse e organizar-se as acções estagnaram ou retrocederam oferecendo o flanco à acção repressiva. Lá onde os trabalhadores de vanguarda souberam encontrar formas de organização adequadas e métodos de ligação vivos e maleáveis com a classe, a luta progrediu, alargou-se e conduziu a importantes vitórias.



4. O CC, no prosseguimento da análise feita nas suas reuniões de Agosto de 1966 e Julho de 1967, verificou uma melhoria relativa no trabalho de massas do Partido.

Os problemas da classe operária e das massas trabalhadoras passaram a ocupar um lugar central no trabalho de diversos organismos; observou-se o início de uma viragem nos métodos e no estilo de trabalho, aumentou a sensibilidade e a iniciativa política, registou-se um esforço para reforçar o papel directivo do Partido nas lutas de massas.

Entretanto, várias deficiências continuam a dificultar uma mais ampla intervenção do Partido no conjunto das lutas reivindicativas do proletariado português. Alguns organismos e camaradas continuam vivendo muito virados para dentro, impregnados por métodos rotineiros e burocráticos e por um certo espírito de aparelho. Persistem graves debilidades orgânicas em centros operários e importantes empresas, ao mesmo tempo que em alguns sectores se mantém uma acentuada dispersão de esforços e de atenções e se tende a substituir um paciente trabalho político e de organização, que liga directamente o Partido às massas, pela agitação feita de fora.

Daqui resulta que em diversas regiões e em numerosas empresas é ainda muito deficiente o conhecimento dos problemas e das aspirações dos trabalhadores. Em certos casos, é grande a insensibilidade e a passividade perante os anseios e as lutas da classe operária, havendo organismos e camaradas que se colocam sistematicamente a reboque das massas.

A rectificação desses debilidades e deficiências é fundamental, não só para garantir às lutas reivindicativas uma perspectiva política e revolucionária indispensável ao seu êxito, como também para que o próprio Partido se enriqueça e com a experiência acumulada pelas massas, para que recrute para as suas fileiras operários forjados na luta de massas, para que alargue e fortaleça as suas organizações, para que as defenda melhor e as tempere no fogo vivo das batalhas de classe.

5. A análise das lutas reivindicativas desencadeadas pela classe operária em 1968 permite apurar algumas direcções fundamentais, conducentes ao desencadeamento de novas e mais poderosas lutas. Assim, são tarefas essenciais: a) promover no imediato pequenas

e grandes reuniões de trabalhadores, por secção, empresa, classe ou localidade, como primeiro passo para mais largas reuniões e assembleias, para amplos debates onde sejam lançadas as bases dum amplo movimento de massas assente no entusiasmo, no dinamismo e iniciativa dos trabalhadores; b) estimular pelas formas mais diversas que os trabalhadores troquem entre si opiniões e experiências de luta; c) fomentar o aparecimento de novas organizações nas empresas e classes profissionais mais importantes através de contactos legais, semi-legais ou ilegais e tudo fazer para fortalecer as organizações já existentes criadas pelos trabalhadores; d) aproveitar todas as possibilidades de acção nas organizações de massas e particularmente nos Sindicatos Nacionais, através de concentrações, assembleias, reclamação de eleições para os corpos gerentes; e) combater firmemente todo o espírito de expectativa e passividade face à demagogia fascista e patronal, utilizando segundo as circunstâncias as formas mais diversas de luta, desde a reclamação ou o abaixo-assinado na empresa, até às paralisações, às manifestações e à greve; f) alargar a luta reivindicativa económica como sendo, no actual momento, uma das principais frentes de luta contra a ditadura fascista, pela liberdade e pela democracia; g) reforçar por todos os meios a unidade da classe operária e o seu papel político como centro motor do movimento anti-fascista; h) realizar um trabalho de fundo que consolide, em todos os sectores da classe operária as posições e o papel dirigente do Partido, sem o qual se não pode abrir às massas uma via revolucionária que conduza à democracia e ao socialismo no nosso país.

A viragem que se assinala na actividade do Partido em direcção à classe operária e às massas trabalhadoras, aliada às novas perspectivas criadas com o desaparecimento de Salazar da cena política, é uma indicação segura de que os comunistas, armados com a rica experiência acumulada pelo Partido e com os ensinamentos recentes das lutas que tiveram lugar na primeira metade de 1968, saberão ligar-se mais firmemente à classe operária e restantes trabalhadores da cidade e do campo e conduzi-los a novas vitórias.

ORGANIZAR O PARTIDO

DEFENDER O PARTIDO

O que faz a força do nosso Partido não é apenas o facto de que ele possui uma linha política justa, mas a sua capacidade para levar à prática essa linha.

Não basta que o Partido lance consignas de luta por mais justas que sejam. É necessário que nas empresas, nas herdades, nos locais de trabalho, existam organizações do Partido, militantes comunistas que gozem da simpatia e da confiança dos trabalhadores, que os saibam orientar nas suas lutas, levar-lhes as palavras de ordem acertadas, criar com eles os órgãos de direcção dessas lutas impulsionar as acções reivindicativas, para que estas se não quedem no início ou a meio caminho, não decepcionem os trabalhadores, não minem nem a sua combatividade e unidade, antes os elevem a formas superiores de acção, aos grandes movimentos de massas.

As lutas de massas são a melhor escola para revelar os homens e as mulheres que devem vir às fileiras do nosso Partido.

As organizações e militantes que não sabem ligar-se às massas, que não desenvolvem um esforço sistemático para estender a influência do Partido a novas fábricas e novas regiões industriais retiram ao Partido as raízes que

lhe dão vida, impossibilitam-no de recrutar novos membros, de dirigir as lutas dos trabalhadores, de desenvolver a sua consciência de classe, de preparar novos e decisivos combates.

As últimas lutas da classe operária, ao mesmo tempo que provaram aos incrédulos e aos derrotistas a capacidade de luta das massas trabalhadoras, a sua firmeza ante o inimigo, o seu espírito de iniciativa no domínio da organização, coordenação e desenvolvimento da luta, até atingirem a forma superior de greve e de manifestações de rua, puseram em relevo também as lacunas da organização do Partido, a sua deficiente ligação com as massas em sectores vitais, a insuficiente iniciativa de alguns militantes, o alheamento em que vivem organizações e militantes em relação aos problemas da classe operária e ao estado de espírito existente entre esta, que a conduzem a lutas de grande projecção, como foram as greves de milhares de trabalhadores da Carris de Lisboa, de milhares de conserveiros e de pescadores, como foram as paralisações e concentrações em várias empresas, no Baixo Ribatejo, na Margem Sul e noutros sectores.

Estruturar e alargar o Partido

Para que o Partido do proletariado possa ser a força dirigente das grandes lutas da classe operária e das massas trabalhadoras é indispensável vencer as lacunas graves que se registam no domínio da organização.

Alargar a organização do Partido a novos centros, a novos sectores, adaptá-la às circunstâncias locais, de empresa e até de cada militante, tomar medidas apropriadas para concretizar estes objectivos, é uma tarefa de premente necessidade, sem a concretização da qual nos não encontraremos em condições de acelerar as lutas dos trabalhadores, de mobilizar para a acção anti-fascista as amplas massas populares, que aguardam da capacidade directiva do nosso Partido a solução para

os seus mais importantes problemas e em primeiro lugar a da libertação da ditadura fascista.

É objectivo imperioso da nossa acção tomar medidas necessárias para fazer chegar o Partido aos centros fundamentais, às regiões de concentração proletária, às grandes empresas, às principais cidades, nos sectores onde existe um proletariado rural combativo, isto é, às zonas de grande propriedade. Cada um destes sectores tem aspectos particulares que o caracterizam, ligados à situação da classe operária, às suas tradições de luta, a fenómenos da produção capitalista, ao nível dos salários, à influência do Partido, ao estado da organização, à experiência do inimigo. Para lançar



mos as bases da organização do Partido ou para alargarmos esta precisamos de estar armados destes conhecimentos e dos que se referem à situação concreta dos trabalhadores, dos seus motivos de descontentamento, das formas de exploração, do nível de consciência de classe dos operários, da importância das unidades fabris aí existentes.

Todo o trabalho de organização deve assentar numa base segura. Essa segurança é-nos dada pela qualidade dos homens e das mulheres que recrutamos para o Partido e pela forma como o fazemos. É no decurso das lutas de massas que se revelam os melhores combatentes da classe operária, quer pelas provas de firmeza, de dedicação e consciência de classe, quer pela sua ligação estreita com os trabalhadores em luta. É nas lutas de massas que devemos saber recrutar os novos militantes para o Partido.

Desenvolver a organização reforçando as medidas de defesa

A experiência do Partido é rica de ensinamentos em matéria de organização e em métodos de defesa. Ela demonstra-nos que uma organização débil, sobrecarregada de tarefas, se pode atundar rapidamente sob a acção da polícia. Não se mantém por muito tempo uma organização cujos membros têm receio das lutas de massas, e por esse facto não trazem ao Partido os operários mais sérios, prestigiados e combativos.

Quando se não compartimenta uma organização, quando o liberalismo se instala e facilita o conhecimento de militantes, de formas de trabalho, o resultado de um tal estilo cairá com todo o seu peso sobre o Partido, em caso de repressão, provocando prisões em massa.

Os sucessos fáceis, o estilo frenético, os actos irreflectidos são inimigos provados do trabalho de organização. Demonstram-no os desastres registados em várias ocasiões, que desmantelaram organismos do Partido e levaram à prisão quadros experimentados e capazes.

Os sucessos não podem subir à cabeça dos militantes, enfraquecendo a vigilância revolucionária, ignorando os cuidados conspirativos e os meios de defesa. Ao avanço orgânico do Partido deve corresponder um avanço nos processos de trabalho, uma maior atenção no recrutamento, um reforço da disciplina, da capacidade política dos quadros, para que defendam, estruturam e desenvolvam a organização, a partir das posições conquistadas.

Actos de indisciplina em matéria de defesa abrem a organização à acção repressiva da polícia. Eles continuam a ser uma ponte de passagem por onde o inimigo nos pode atingir. Quando um militante contraria resoluções, se sobrepe ao seu organismo ou aos organismos superiores, quando desprezita normas e princípios

Em circunstâncias particulares um organismo de Direcção do Partido destacou um militante para proceder ao trabalho de organização em determinado sector. A preocupação imediata desse camarada foi ganhar a confiança dos seus companheiros de trabalho, para a partir dela poder mobilizá-los e organizá-los para a luta pela defesa dos seus interesses. Foram as lutas reivindicativas que lhe permitiram descobrir os novos militantes do Partido, operários de vanguarda dispostos aos sacrifícios resultantes da acção do Partido.

Nas condições complexas e difíceis em que decorre a actividade do Partido, o trabalho de organização não pode desenvolver-se de maneira improvisada, ao acaso das situações. Ela deve partir do conhecimento concreto de cada sector, da avaliação dos quadros e das suas possibilidades.

estabelecidos; quando incidem nas mesmas faltas ou em outras semelhantes, está pondo em perigo a sua segurança e liberdade, está pondo em perigo a segurança e liberdade de outros camaradas.

A disciplina é uma norma interna do Partido, inscrita nos seus Estatutos, que se reflecte de modo particular na defesa da organização, no desenvolvimento desta, na realização das mais difíceis tarefas.

Em matéria de disciplina o exemplo deve vir de cima, dos elementos mais responsáveis. A disciplina nada tem de cega ou de irreflectida. Não apaga nos quadros a personalidade e a iniciativa, antes a completa, integrando os militantes no cumprimento das suas responsabilidades e dos seus deveres. A disciplina é tanto mais férrea quanto mais consciente e voluntária ela for.

As últimas reuniões do Comité Central colocaram de forma aguda a necessidade de se renovarem os métodos de defesa do Partido, de se melhorar todo o trabalho conspirativo. Só assim se poderá desenvolver e estruturar a organização do Partido.

A renovação dos métodos de defesa implica um conhecimento da experiência do Partido para que se encontrem novas formas, novos processos que o inimigo não conheça.

É a partir do conhecimento concreto da situação conspirativa de cada sector, de cada organização e até de cada militante, que é possível introduzir formas novas na actividade conspirativa do Partido e proceder com segurança ao alargamento da organização do Partido.

Em face do potencial do inimigo e da sua experiência, o conhecimento pormenorizado da situação conspirativa torna-se uma exigência fundamental. Não há trabalho sólido de organização se não assenta em formas adequadas de defesa.